

L E T D F R A S

Câmara Legislativa do Distrito Federal
Ano II - Nº 23 e 24

Suplemento Cultural
1996

Teatro exige Dulcina Viva

■ **Paracatu e os
caminhos para
os Goyazes**



Até hoje, muitos anos passados, não entendi porque meu pai teve de morrer. Ele fez grande falta ao mundo. Existe tanta plastra por aí, rodando, viva, coisas ruins, que só atrapalham o trânsito.

Meu pai era caldeireiro. Gastava alguns dias para fazer uma cafeteira. Trabalhava toda espécie de metal, latão (folha de flandres), o cobre, o níquel (metal branco), o ferro, o metal amarelo e até o aço.

Meu pai era iogue; e espiritista. Através da ioga, curava o corpo; e pela leitura dos livros de espiritismo, tomava conhecimento das coisas deste mundo e do outro. Quando desencarnou, a impressão que tive e que tenho é que ele simplesmente passou desta para a outra vida, sem nenhum trauma, tal a intimidade que mantinha com o além.

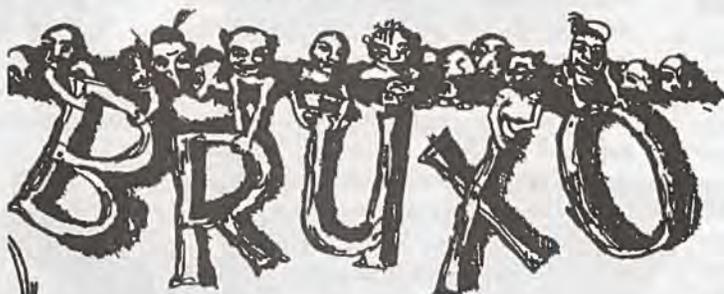
Há cinquenta anos, quando eu tinha a idade de dez e ninguém nem mesmo sonhava com a existência de soja no Brasil, ele um dia chegou para nós - eu e meus irmãos - sopeando alguns grãos de um feijão arredondado e achatado, de cor marrom-cinza, e disse: isto aqui é soja, o alimento do futuro. Plantou aquelas sementes e cuidou delas com esmero e carinho, distribuindo depois as mudas, de graça.

O pai fluidificava a água toda noite; e de manhã nos oferecia; se ninguém quisesse, não obrigava a beber; bebia ele mesmo. Fluidificar significa deixar um copo d'água exposto ao sereno durante a noite inteira; ao colocar a água, rezar algumas preces comuns, Pai-Nosso, Oração de São Francisco etc.; e de manhã, ao retirar a água, repetir as preces.

Um dos livros mais próximos à cabeça de meu pai era o Hata Ioga, do iogue Ramachácar. Recomendava a sua leitura. Nós, jovens, auto-suficientes como os jovens, nem ligávamos: tínhamos todas as respostas.

Eu pensava que ioga fosse mais uma religião no mercado persa das reli-

Recordações de um



□ Alan Viggiano



giões mundiais; só mais tarde, quando não era jovem, e depois de muito apañar da vida, descobri por mim mesmo: ioga é um guia prático de saúde, indispensável para que o homem exerça com simplicidade e naturalidade as funções vitais que a natureza lhe proporcionou.

Meu pai viveu toda sua vida de oitenta e seis anos em contato permanente com a natureza; mas de forma alguma um contato contemplativo, ou estático; ao contrário, uma integração dinâmica e moderna; jamais moderna no sentido de destruir ou modificar; porém com a intenção de aproveitar, tirar dela os benefícios que ela oferece, para desenvolver-se ela própria.

Numa cidadezinha do interior de Minas, como a nossa, meu pai era um dos poucos chefes de família espírita; e também um dos poucos maçons; e embora não tenha sido um rosacruz, tinha conhecimento dos princípios dessa doutrina.

O padre da cidade predicava quase diariamente contra o espiritismo, dizendo ser coisa do demônio; de maçonaria e rosacruz, nem ousava falar, com medo de ser chamuscado pelo fogo do inferno; e recomendava aos católicos que, ao passar em frente às casas dos espíritas, mudassem para o outro lado do meio-fio e se persignassem três vezes. Pai achava aquilo muito engraçado.

Quando, aos sete anos, entrei para o grupo escolar - já sabia ler e escrever, não podia ser de outra forma, vivendo dentro da mesma casa com meu pai - a professora, muito católica, resolveu fazer uma enquete para saber qual a religião dos pais dos alunos. Eu era o único da classe que tinha pais espíritas.

Quando o declarei perante todos os demais, a professora escandalizou-se

**Zé
Ramalho
(PDT)**



A Fundação Teatro Dulcina está longe de ser somente uma casa de espetáculos. Ela é parte viva do patrimônio histórico e cultural de Brasília. Foi de lá que vieram as primeiras manifestações artísticas tipicamente brasilienses, algumas delas exportadas com sucesso para outros Estados. É inadmissível que a Faculdade Dulcina, que no seu auge já chegou a ter 1.200 alunos, hoje conte com apenas 320 e ainda corra o risco de fechar suas portas. Recuperar a Fundação Teatro Dulcina é, antes de tudo, resgatar nossa própria identidade. Salvem o Dulcina!

**Edimar
Pireneus
(PMDB)**



A instalação, em Brasília, do teatro Dulcina, foi um dos passos mais importantes para o desenvolvimento da cultura local. Oficina da criatividade, o teatro, que tem sobrevivido com dificuldades, graças à tenacidade e ao idealismo de seus fundadores e dos batalhadores representantes da cultura local, tem contribuído, de forma indiscutível, para a revelação dos novos talentos e para a consolidação de um projeto cultural para o DF. O Dulcina é uma força viva da nossa cultura e merece, por isso, o reconhecimento e o apoio permanente de toda a sociedade.

e decretou que eu devia me preparar imediatamente para fazer a primeira comunhão. Chegando em casa naquele dia, contei o acontecido; o pai achou muito engraçado e começou ele próprio os preparativos para aquele ato religioso.

Estes eram os traços surpreendentes da sua personalidade: tolerância, simplicidade e nenhuma dose de maniqueísmo. Praticava a religião dele, não obrigava ninguém a segui-lo e até colaborava com as outras religiões.

Isso não queria dizer que ele fosse indene à influência do sistema medieval de vida prevalente em nossa cidade. Certa vez, ele me deu um tapa na cara só porque eu estava bebendo um guaraná pelo bico da garrafa. Posso afirmar que o bofetão doeu mais em seu espírito do que no meu rosto. Até hoje, quase meio século passado, ainda tenho escrúpulos em beber no bico de garrafas.

Meu pai era um verdadeiro bruxo - e nesse particular o padre tinha certa razão. Além de ler tudo que conseguia sobre magia, alquimia, religiões, ele praticava muitas dessas fórmulas para dar andamento à sua profissão de caldeireiro. Conhecia os segredos da fundição e da solda em todas as suas modalidades e os praticava na medida em que necessitava para fabricar objetos simples de uso no cotidiano das famílias: cafeteiras, canecas, panelas, tachos, almofarizes, pilões, alambiques, candieiros, almotolias, lamparinas e arreatas para ajazejar os cavalos e mulas preferidos dos tropeiros (esses objetos mais me fascinavam); conhecia a filosofia Vedanta, de Swami Vivekananda, e utilizava o Ritual de Magia Divina, livro que ensina o uso das preces para finalidades práticas, econômicas e de saúde.

Como trabalhei com meu pai até os treze anos de idade — quando fui para a cidade maior estudar no ginásio —, conheço rudimentarmente todas essas técnicas; canhestramente, devido à falta de prática, posso transformar uma lâmina de cobre fino em uma caneca, sem usar nada além do cobre; meu pai o fazia com tal perfeição que o objeto não deixava vaziar

sequecer um pingo d'água. Nem era magia, mas simples técnica artesanal.

Transformar um disco de cobre em um tacho é questão de tempo e mais alguma sofisticação, pois as asas do tacho são feitas de arame grosso e precisam ser afixadas ao objeto através de arrebites; além do mais, existe a dobra da borda do tacho, que também leva arame por dentro.

Até hoje ainda existem, em casas antigas da minha cidade, cafeteiras feitas por meu pai; obras de arte, requintes de famílias ricas, que a nossa não podia alimentar a pretensão de possuir. Aqui se configura o anexam vestu: casa do ferreiro, espeto de pau.

As cafeteiras eram cilíndricas, feitas de metal amarelo, com duas cintas de metal branco; no pé, uma sapata também de metal branco, em forma trapezoidal; o bico em forma triangular, afinando no rumo da ponta e tendo ainda uma tampa que se abria automaticamente com o movimento de entornar o líquido, pois era provida de uma dobradiça; o cabo era feito de madeira torneada, presa ao corpo da cafeteira por cintas de níquel, chamado metal branco.

Meu pai cortava e modelava peça por peça e banhava todas elas com estanho derretido na parte que ia ficar do lado de dentro da cafeteira. As peças eram afixadas entre si através da soldagem a frio ou a quente — ou também por debrum tipo macho-fêmea —, conforme a necessidade ou a conveniência.

Quando paro para pensar no tumulto da vida de hoje, minha tendência é reformular os conceitos emitidos no primeiro parágrafo. O lugar do meu pai não é este mundo, mas uma outra galáxia, de preferência bem distante. Aqui não existe lugar para cafeteiras de metal ou tachos de cobre tão bonitos e delicados. Um dia quero estar lá com ele. Que não seja, porém, muito breve.

Alan Viggiano, escritor e professor

Publicado in Cronistas de Brasília, André Quicé - Editor, 1995

